



Era uma vez Ninguém
e ninguém mais.

Ninguém estava sozinho.

Ninguém não estava só sozinho.
Ninguém também não tinha
com o que brincar,
e nenhum lugar
para ir.

Uma maravilhosa história de amor
sobre o começo de tudo.



hedra
educação

101

Bart Mertens Benjamin Leroy

Ninguém e eu

Ninguém e eu

Tradução • Jorge Sallum

hedra
educação

Mr. Phillow é um fantasma!

Eloar Guazzelli

Sumário

1 Sobre o livro	2
2 Sobre o autor	3
3 Sobre o gênero	3
4 Atividades	5
4.1 Pré-leitura	5
5 Leitura	7
6 Pós-leitura	11
7 Sugestões de referências complementares	13
7.1 Filmes e documentários	13
7.2 Artigos	13

Carta ao professor

Caros professores e professoras, esperamos, com este material, auxiliá-los no trabalho com o **Ensino Fundamental I** em sala de aula. *Mr. Phillow é um fantasma!*, de Eloar Guazzelli, é um livro singular por vários motivos e possibilita atividades didáticas interessantíssimas, como vocês acompanharão a seguir.

Uma dos pontos mais curiosos deste livro é justamente a sua escrita. Trabalhado aqui com alunos do **Ensino Fundamental I**, o autor opta por utilizar elementos de caligrafia, ortografia e sintaxe próprios dos pré-adolescentes nesta fase do desenvolvimento escolar. Portanto, um dos aspectos que parecem interessantes de ser tratados durante todas as atividades do livro é o mundo da **escrita**, sua regras e convenções.

aconde[#]!

OBRAS

XXX-XX-XXXXXX-XX-X (ESTUDANTE)
XXX-XX-XXXXXX-XX-X (PROFESSOR)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jorge Sallum
Suzana Salama
Felipe Musetti

EDIÇÃO

Paulo Henrique Pompermaier
Renier Silva

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Ana Lancman
Nathalia Tomaz

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO

EdLab Press

LICENÇAS

CC-BY-NC 3.0 BR

ACORDE PRODUÇÕES MUSICAIS

Rua Comendador Martineli, 560 •
20561-060
Rio de Janeiro RJ
55 21 22805952
 contato@maisemelhores.com.br

Além desse, outro enfoque que merece atenção é o universo mítico presente em todas as culturas. Como será visto na narrativa, o fantasma britânico, com as características próprias que o adjetivo lhe atribui, conhece outros, pertencentes ao novo lugar onde se encontra — a Floresta Amazônica. Este movimento oferece uma boa oportunidade de estudar, com os alunos, o que a BNCC propõe como “**concepções de mundo**, natureza, ser humano, divindades, vida e morte em diferentes mitos de criação”. Assim, noções primárias de **multiculturalismo** poderão ser bem aproveitadas nesta etapa.

Por último, não deixemos de levar em conta o ensejo de estudar o momento histórico do **ciclo da borracha**, contexto histórico de fundo na narrativa. Menos que uma paisagem inerte, porém, são os interesses e desenvolvimentos deste período que ocasionaram as movimentações ocorridas na narrativa: o fantasma da Inglaterra vai parar na Amazônia porque, em vida, foi um grande investidor nos negócios da borracha do Brasil.

Esperamos, por fim, professor ou professora, que este material sirva como guia para seu trabalho em sala de aula. Já contamos, no entanto, com as adaptações que surgirão organicamente na recepção de vocês, que possuem trajetórias e escolhas didáticas específicas, bem como no contato com os alunos, que tanto têm a oferecer para o enriquecimento da experiência didática.

Boa aula!

1 Sobre o livro

O livro *Mr. Phillow é um fantasma!* apresenta a narrativa um fantasma tipicamente inglês que mora num castelo da Inglaterra. Devido a sua condição de fantasma, ele deve acompanhar os objetos que eram seus durante a vida. Por isso, quando decidem realocar as pedras do castelo para a Floresta Amazônica, ele vai junto. Esta mudança de territórios, tão distantes geograficamente e em costumes, se deve ao fato de que Mr. Pillow, em vida, juntou sua fortuna com a exploração de borracha nessa região.

Ao chegar na nova paisagem, o fantasma de Mr. Pillow conhece os seres míticos que habitam a região da Amazônia brasileira. Ele não se adapta muito bem ao novo contexto, porém, e finda a narrativa de volta à sua terra natal, graças a um “serviço de transferências” do mundo dos fantasmas.

Aspecto importante deste livro é que ele é escrito com ortografia, caligrafia e sintaxe particulares a uma criança ou pré-adolescente em estágio de desenvolvimento da escrita. À primeira leitura, inclusive, tal procedimento deverá causar estranhamento e

dificuldade aos leitores acostumados com a escrita padrão. Por outro lado, para os alunos, pode funcionar como fator de identificação e tornar a leitura ainda mais prazerosa, e instrutiva, caso o professor ou professora aproveite o ensejo para comentar a padronização da linguagem escrita.

2 Sobre o autor

Eloar Guazzelli Eloar Guazzelli Filho, ou apenas Guazzelli, nasceu em Vacaria, Rio Grande do Sul, em 1962. Torce para o Internacional de Porto Alegre, gosta de jogar futebol nas areias de Florianópolis, onde passa o verão, mas é ruim de bola. Artista plástico, quadrinista, roteirista e diretor de arte para animação, é formado pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Recebeu inúmeras premiações em todo o Brasil e participou de exposições em mais de quinze países.

Desenhista há 29 anos, consagrou-se no universo das histórias em quadrinhos e também faz animações para o cinema. Já ilustrou mais de 60 livros para crianças, entre eles, *Maluquices Musicais* e *Futebolíada* com o parceiro José Santos, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, lançada em 2021, *Zoo zoado*, de Fabrício Corsaletti, de 2014, *O segredo* e *Histórias de mistério*, de Lygia Fagundes Telles, de 2012 e 2011, respectivamente, e *O menino que caiu do céu*, de Lucy Coats, de 2009.

Além de ilustrador, é um grande leitor, sobretudo, dos clássicos da literatura mundial. Dentre as obras que escreveu, estão *A divina jogada* e *Apocalipse nau*, de 2015, e *Mr. Phillow é um fantasma!*, aqui presente.

3 Sobre o gênero

O gênero O gênero deste livro é a *conto; crônica; novela*.

Descrição O que define o gênero narrativo é o fato de, não importa qual seja sua forma, ele *contar uma história*. As especificidades do *como* esta história será contada é que qualificaram os tipos de gênero narrativo, que podem ser: conto, crônica, novela, epopeia, romance ou fábula.

Toda narrativa possui, necessariamente, um narrador, uma personagem, um enredo, um tempo e um espaço. O narrador, ou narradora, pode ser onisciente, literalmente *que tudo sabe*, observador ou personagem – categorias que não são autoexclusivas. O discurso elaborado por este narrador ou narradora pode ser direto, indireto ou indireto livre – ou seja, ele ou ela pode aparecer mais diretamente ou mais indiretamente; no último caso, sua voz se mistura à das personagens da história.

O narrador **não é necessariamente** a voz do autor. É errada a afirmação de que o autor fala através do narrador de uma história. É bastante comum, há algum tempo na história literária, sobretudo desde os pré-modernistas, que o narrador represente justamente o contrário do que pensa o autor. Neste caso, utilizam-se elementos como a **ironia** para sugerir que o autor *não é confiável*.

Já as personagens variam quanto a sua **profundidade**. Há personagens planas, ou personagens-tipo, e personagens redondas, ou complexas. Personagens planas são facilmente repetíveis pois se amparam em lugares-comuns da cultura, como o vilão, o herói, a vítima, o palhaço, tudo isso com marcações de gênero e espécie – o herói tradicionalmente é um homem, a vítima, uma mulher, e o vilão, uma figura que se afasta da humanidade por alguma razão, às vezes sobrenatural. Personagens redondos, por outro lado, estão mais próximos das *pessoas reais*. Uma personagem complexa pode ser, em um dado momento da narrativa, vilã, e em outro, heroína. É importante notar como as visões de mundo, um traço cultural e portanto relativo, influenciam na caracterização das personagens, planas ou redondas, de uma história.

O tempo de uma narrativa pode ser cronológico ou psicológico. No tempo cronológico, o enredo segue a ordem “normal” dos acontecimentos, aquela marcada pelo relógio e pelo calendário. Os acontecimentos vêm um após o outro, e *passado, presente e futuro* são muito bem delimitados. Já no tempo psicológico, segue-se uma ordem *subjetiva* dos acontecimentos, e portanto, *não linear*, já que a influência emocional e psíquica da subjetividade afeta a racionalidade do tempo cronológico.

O espaço, por fim, é o lugar onde se passa a narrativa. Dependendo do caso, ele pode funcionar mais como pano de fundo, sem muita interferência no enredo, ou mais ativamente, aproximando-se das características das personagens e influenciando no desenrolar da trama.

O último aspecto de um gênero narrativo que podemos abordar é sua *extensão*. Dentre os elementos que distinguem um subgênero de outro é o tamanho da história: uma crônica e um conto são *necessariamente* curtos, ao passo que uma epopeia e um romance, são longos. Uma novela está no ponto intermediário entre um romance e um conto. Ainda poderíamos falar dos registros de cada subgênero: a epopeia é originalmente um subgênero *oral*, versificado, e metrificado, já o romance é tradicionalmente *escrito* em prosa. Desde meados do século XVIII, no entanto, o estabelecimento dos gêneros e subgêneros narrativos torna-se cada vez menos rígido, com as características cada vez mais fluidas e intercomunicativas.

Como o presente livro contém uma narrativa *curta*, finalizamos com as palavras de Luiza Vilma Pires a respeito do subgênero:

sob o nome de narrativa curta, estão situadas obras que apresentam uma trama um pouco mais complexa, que ocorre em diversos espaços e em uma temporalidade que pode ser de vários dias, semanas ou meses. Entretanto a função das ilustrações continua a mesma, são complementares à história e contribuem para sua compreensão. Os temas relacionam-se a vivência infantis (brincadeiras, passeios, pequenas aventuras), a aspectos ligados à interioridade das personagens (busca de identidade, insegurança, medos) ou a relações interpessoais (desentendimentos familiares, entre amigos, solidariedade).¹

4 Atividades

4.1 Pré-leitura

BNCC | 1

Ensino Religioso

EF05ER02

Atividade 1

Identificar mitos de criação em diferentes culturas e tradições religiosas.

¹“Narrativas infantis”, de Luiza Vilma Pires Vale. In SARAIVA, J. A. (Org.) *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BNCC

2

Ensino Religioso

EF05ER03

Reconhecer funções e mensagens religiosas contidas nos mitos de criação (concepções de mundo, natureza, ser humano, divindades, vida e morte).

BNCC

3

Ensino Religioso

EF05ER05

Identificar elementos da tradição oral nas culturas e religiosidades indígenas, afro-brasileiras, ciganas, entre outras.

BNCC

4

História

EF05HI01

Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

Tema Os diferentes espaços geográficos.

Conteúdo Sensibilização a respeito das diferentes mitologias e crenças conforme as culturas.



Figura 1: Típico castelo britânico assombrado.(CC-BY-2.0)

Justificativa Um tema que percorre o enredo de *Mr. Phillow é um fantasma!*, ainda que não de forma explícita, é a concomitância de diferentes narrativas mitológicas. Graças ao deslocamento geográfico do fantasma Mr. Phillow, da Inglaterra à Amazônia brasileira, o leitor se depara com diferentes figuras do imaginário de cada região. Este pode ser um ótimo ensejo para se tratar, de forma adequada à série, alguns aspectos do multiculturalismo.

Metodologia Para iniciar a conversa com os alunos, o professor pode fazer as seguintes perguntas:

- Quais as diferenças mais marcantes entre os dois espaços?
- Qual dos dois é mais “fantasmagórico”?
- Qual lhes dá mais medo?

Às vezes, uma mesma figura ou um mesmo mito pode aparecer em diferentes culturas. Este é o caso da **Iara**, dos povos indígenas amazônicos.



Figura 2: Interior da Floresta Amazônica.(CC-BY-2.0)

Após a discussão, peça aos alunos que **realizem uma pesquisa acerca das mitologias** brasileira e inglesa — ou europeia, mais vastamente.

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

5 Leitura

Atividade 1

Tema Leitura oral e padronização da escrita.

Conteúdo Prática de leitura alternada entre os estudantes e regras ortográficas e gramaticais como o **uso do acento circunflexo no verbo *ter*** e o **uso da vírgula**.

Justificativa O presente livro apresenta uma cara oportunidade de trabalhar aspectos da norma-padrão em sala de aula com os alunos. O livro contém desvios a essa norma, desde a fonte, que imita uma escrita à mão de uma criança na faixa etária dos estudantes, até à própria sintaxe e o uso vocabular. Alguns pequenos erros, comuns nesta fase do desenvolvimento da linguagem, são encontrados, e devem ser aproveitados como ensejo didático.



Figura 3: A sereia é uma criatura mitológica presente na cultura ibérica que mantém semelhanças com a lara amazônica.(CC-BY-2.0)

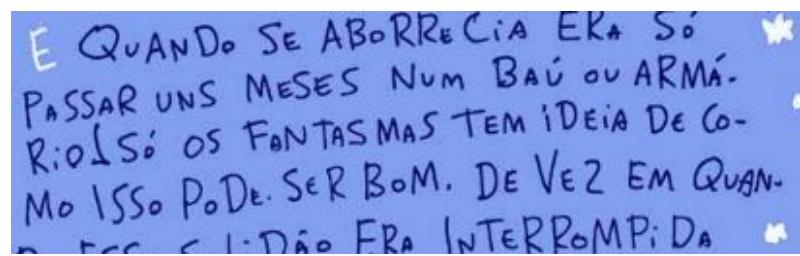


Figura 4: Excerto das primeiras páginas do livro.

Metodologia O professor ou a professora deve realizar a leitura em sala de aula com os alunos. Intercale a leitura de modo que todos tenham a oportunidade de ler, sempre em voz alta.

Quando lerem as primeiras frases, chame a atenção à estrutura da linguagem. **É inusitado para os alunos um livro escrito daquele jeito?** Conforme a leitura decorra, faça uma pausa na ocasião das seguintes frases:

- “Só os fantasmas *tem* ideia de como isso pode ser bom.”
- “Ah tá, pode fica esperando pensava Mr. Phillow.”

No caso da primeira frase, indique que há um erro na grafia da palavra *tem*, verbo ter conjugado na terceira pessoa do plural no modo indicativo do tempo presente. Escreva na lousa a conjugação completa de tal verbo, a saber:

Eu tenho

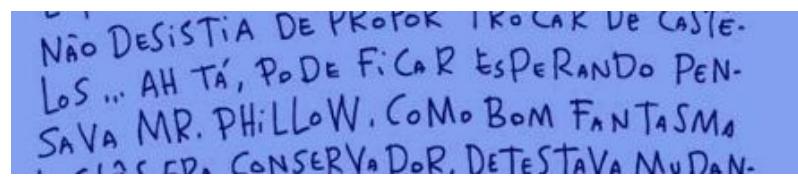


Figura 5: Excerto das primeiras páginas do livro.

Tu tens
Você tem
Ele/ ela/ a gente tem
Nós temos
Vós tendes
Vocês têm
Eles/ elas têm

Em resumo, a regra gramatical que precisa ser fixada aqui é que **o acento circunflexo é utilizado nas formas de terceira pessoa do plural, o que não ocorre nas de terceira do singular**. Ele não tem nenhuma função fonética; ou seja, *tem* e *têm* são pronunciados da mesma forma. Deste modo, diz-se: “Mr. Phillow **tem** ideia de como isso pode ser bom.” Mas: “Os fantasmas **têm** ideia de como isso pode ser bom.”

Aproveite o ensejo para trabalhar a diferença entre os verbos *vir* e *ver*. Na terceira pessoa do plural do presente do indicativo de *vir*, dizemos: “Eles **vêm**.” Na terceira do singular: “Ele **vem**.” A regra é a mesma do verbo *ter*. No que se refere a *ver*, no mesmo tempo verbal, a forma verbal de terceira pessoa do singular é *vê*, enquanto a de terceira do plural é *veem*. As formas de terceira pessoa do plural dos dois verbos, portanto, são **pronunciadas** da mesma forma: / *vem*/. Na escrita, porém, são diferentes.

Aproveite para apresentar toda a conjugação dos dois verbos no presente do indicativo, em que essas características aparecem:

Eu venho
Tu vens
Você **vem**
Ele/ ela/ a gente **vem**
Nós vimos
Vós vindes
Vocês **vêm**
Eles/ elas **vêm**

Eu vejo

Tu vês
Você vê
Ele/ ela/ a gente vê
Nós vemos
Vós vedes
Vocês veem
Eles/ elas **veem**

Resolvida a questão do uso do acento circunflexo com caráter diferenciador e não fonético – o professor ou professora deve se sentir à vontade para trabalhar da forma que lhe convier, apresentando mais exemplos ou mesmo distribuindo à turma uma lista de exercícios que tratem do tema – podemos partir para **o uso da vírgula**.

São muitas as regras a respeito do uso da vírgula em língua portuguesa. Muitas delas serão estudadas no decorrer do **Ensino Fundamental II** e outras, somente no **Ensino Médio**. Sugerimos, portanto, que o professor se detenha no exemplo retirado do livro.

Escreva a frase na lousa. “Ah tá, pode ficar esperando pensava Mr. Phillow.” Pergunte, então, aos alunos, se eles sentem que há algo de errado. Leia em voz alta e então peça que repitam. Faça questão de **não realizar nenhuma pausa** entre as palavras *esperando* e *pensava*. Repita o exercício até que fique claro o problema da falta de vírgula na frase, e então explique que, neste caso, a vírgula intercala duas orações. Ou seja, nesta frase há duas orações:

- Mr. Phillow pensava
- Ah tá, pode ficar esperando

Uma solução para alternar o uso da vírgula seria usar **dois pontos e aspas** – usados quando queremos indicar um discurso diretamente. Neste caso, teríamos: *Mr. Phillow pensava: “Ah tá, pode ficar esperando!”*. Já com a vírgula, a frase fica escrita corretamente assim: *Ah tá, pode ficar esperando, pensava Mr. Phillow*.

Do mesmo modo que no estudo do uso do acento circunflexo, o professor ou professora pode estender a atividade com a aplicação de exercícios para tratar do tema da vírgula. Não deixe de levar em consideração, no entanto, a série da turma para não haver descalagem de conteúdo.

Tempo estimado Quatro aulas de cinquenta minutos.



Atividade 2 Ainda no decorrer da leitura, depois de trabalhadas as questões gramaticais, chame a atenção para pontos importantes da narrativa como as diferenças entre o fantasma britânico e os seres amazônicos. Verifique com os alunos uma diferença fundamental entre ambos: o primeiro vive no **ambiente urbano**, em um castelo, uma obra arquitetônica construída por seres humanos, e os outros, na **ambiente rural**, na floresta, um espaço onde a interferência humana não se dá da mesma forma que no primeiro caso.

Quais as reverberações que estas características podem ter na vida das pessoas e, consequentemente, nos elementos das histórias que elas constroem? Faça perguntas como esta ligadas ao tema e promova uma discussão entre a turma.

6 Pós-leitura

Atividade 1

Tema O ciclo da borracha na região amazônica no século xx.

Conteúdo Pesquisa e discussão acerca do contexto histórico e social do ciclo da borracha amazônico no século xx.

Justificativa Toda obra cultural e artística está ancorada em valores e visões de mundo que remetem a um determinado período histórico. É essencial que alunos e alunas sejam capazes de perceber como dados da realidade “exterior” à obra (os fatos da história) estão presentes na construção e no desenvolvimento da narrativa. No caso de *Mr. Phillow é um fantasma!*, o momento histórico que se destaca é **ciclo da borracha** na região amazônica em meados do século xx.

Metodologia Após a leitura do livro, peça à turma que se divida em grupos. Eles realização uma pesquisa seguida de um seminário acerca do tema: **ciclo da borracha na Amazônia**. O professor ou professora pode indicar aos alunos e alunas os materiais audiovisuais e escritos que deixamos na **Sugestão de referências complementares**.



Figura 6: Extração de borracha na Amazônia.(CC-BY-2.0)

Como terá se observado na pesquisa feita acerca da Fordlândia, um dos motivos que levaram à eclosão de revoltas dos trabalhadores foi a **diferença cultural** entre os hábitos locais dos trabalhadores rurais brasileiros e os hábitos urbanos dos patrões estadunidenses. A alimentação, um relevante aspecto cultural, foi algo que minou a relação entre empregados e patrões: eram servidos hambúrgueres, prato tradicional das grandes cidades dos Estados Unidos, a uma população acostumada com pratos nutritivamente, mas não só, diversos deste. Outros pontos como a disciplina de trabalho causaram problemas de adaptação que, somados a outros fatores de ordem econômica e política, levaram ao fim o projeto.

A partir desta explanação, o professor ou a professora pode elaborar a seguinte discussão com a turma, tendo o enredo do livro como objeto:

- Por que o fantasma inglês não se adapta ao Brasil?

Atividade 1.2 Para finalizar o trabalho com o livro, os alunos deverão produzir **uma história** de cunho fantástico tal qual *Mr. Phillow é um fantasma!* tendo como espaço a Fordlândia. Elementos visuais descobertos com a pesquisa devem ser trabalhados, como a existência de obras arquitetônicas de origem estrangeira abandonadas no meio da floresta. Instigue a imaginação dos alunos e alunas com a seguinte provocação: **como seria uma fábrica fantasma no meio da Floresta Amazônica?**



Figura 7: Caixa d'água e escritório central de Fordlândia. Mesmo na arquitetura percebem-se elementos incomuns em relação à tradição rural da região amazônica.(CC BY-SA 3.0)

Ao fim da atividade, todos podem compartilhar suas criações entre si numa roda de leitura.

Tempo estimado Quatro aulas de cinquenta minutos.

7 Sugestões de referências complementares

7.1 Filmes e documentários

- EDUCAÇÃO, Ministério da. *A história da borracha amazônica*².

O documentário mostra como era a vida nos seringais, os conflitos com os povos indígenas e as queimadas do Acre, além de contar a história do líder ambientalista Chico Mendes e a reserva extrativista.

7.2 Artigos

- “Fordlândia: breve relato da presença americana na Amazônia”³.

²https://www.youtube.com/watch?v=_qoIDCSBNsI
Acessado em 21/11/2021.

³<https://periodicos.saude.sp.gov.br/index.php/cadernos/article/view/35751> Acessado em 21/11/2021.

Destinada a ser a primeira “cidade empresa” edificada na Amazônia, Fordlândia oferecia a seus habitantes: hospital, escola, água encanada, luz elétrica, moradia, lazer e emprego. A baixa produtividade, o fim da Segunda Guerra Mundial, com consequente queda na demanda mundial por borracha, e a produção de borracha sintética levaram à retirada dos americanos da região do Tapajós em 1945. O governo federal adquiriu as benfeitorias e as plantações de seringueiras, porém não impediu a degradação de Fordlândia, que viu seu patrimônio material ser dilapidado, ficando prédios em ruínas e lembranças de moradores remanescentes do tempo do fastígio da borracha.

- “Borracha, nordestino e floresta: A economia e a sociedade amazônica nos dois ciclos gomíferos”⁴.

Este trabalho apresenta um panorama da história econômica da Amazônia dos dois ciclos da borracha e entre eles. Corresponde basicamente ao período compreendido entre a última década do século XIX e meados do século XX. Para uma melhor compreensão da relevância deste período para a região, são apresentados os comportamentos em termos de economia, demografia e sociedade em cada uma das fases: primeiro ciclo da borracha, o período pós-primeiro ciclo e segundo ciclo. O objetivo central do artigo é retomar a análise desses períodos demonstrando sua notória influência sobre as atuais sociedades brasileiras amazônicas.

- “Multiculturalismo e suas aplicações na educação”⁵.

A atualidade educacional é um espelho da ausência de modelos, de referenciais que antes balizavam a sociedade brasileira. Em educação, vivenciar o multiculturalismo e a inserção das tecnologias vem se transformando em desafio à prática pedagógica. O currículo escolar representa um grande esforço para trabalhar com a diversidade cultural, a mensagem gerada pela indústria cultural e a aquisição de conhecimentos e informações. Este texto apresenta uma problematização relacionada à temática do currículo escolar a partir do recorte cultural e social.

⁴<https://periodicos.ufpa.br/index.php/cepec/article/view/6773/0> Acessado em 21/11/2021.

⁵<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/1/multiculturalismo-e-suas-implicacoes-na-educao>
Acessado em 21/11/2021.